

Os discursos do eu e a objetividade histórica na obra de Goethe

Luiz Barros Montez*

Resumo: Os escritos autobiográficos de Goethe compõem um amplo painel que possui uma grande importância historiográfica. Embora os textos que o integrem estejam normalmente distribuídos nas edições das obras de Goethe de forma não-contínua ou por vezes aleatória, eles fazem parte de um projeto sistemático do poeta, ao qual se somam as correspondências, os diários, conversas e depoimentos de Goethe. Investigar as motivações deste projeto, de seus procedimentos intrínsecos, enfatizando os seus resultados práticos, é o que propõe o presente artigo.

Palavras-chave: Goethe – Autobiografia – Literatura e História

Abstract: Goethe's autobiographic writings create a panel of great relevance to the historiography. Although its integrating texts frequently appear distributed in Goethe's editions in a non-continuous or sometimes aleatory manner, they take part in a systematic project of the poet, to which we can embody his correspondences, diaries, conversations and testimonies. This article investigates the motivations of this project and its inherent processes, emphasizing its practical outcomes.

Keywords: Goethe – Autobiography – Literature and History

Em um ensaio intitulado “Goethe e o mundo histórico”, Ernst Cassirer nos mostra o profundo contraste existente entre a atitude otimista de Goethe com relação ao conhecimento da natureza e à sua investigação, do ponto de vista das possibilidades do conhecimento humano, e o total ceticismo do poeta com relação à ciência da história. Cassirer reafirma a crença, a confiança, o otimismo, a solidez de atitude de Goethe quando se trata do saber nas ciências naturais. Em seus trabalhos preparatórios sobre a fisiologia das plantas, Goethe chega a afirmar que, para qualquer pergunta que façamos à natureza, no fundo possuímos a sensação de que a resposta encontra-se já em algum ponto possível de ser pensado. Ou seja, existe desde o primeiro momento uma espécie de garantia de que a resposta já se encerraria na própria pergunta. Para Goethe, o que nós chamamos de invenção ou descoberta é já o instante em que exercemos ou colocamos em ação uma sensação originária de verdade que, após permanecer adormecida durante longo tempo desde a sua concepção, irrompe súbita e rapidamente como um conhecimento produtivo (CASSIRER: 5).

Contudo, continua Cassirer no mesmo ensaio, esta sensação de confiança tranqüila e de devoção cheia de fé parece desaparecer sob os seus pés tão logo o escritor adentra-se pelo terreno da história. Aqui, Goethe nos daria a impressão de insegurança, assumiria uma atitude

* Professor Adjunto do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

de suspeita e de crítica. De fato, em algumas de suas conversas e cartas, quando se trata do domínio da ciência da história, o poeta e cientista condena abertamente toda ilusão de verdade do relato histórico, bem como de sua utilidade no presente; chega não raro a expressões sarcásticas ou cáusticas quanto às possibilidades de que a historiografia seja capaz de resgatar a “verdade” dos fatos do passado.

Numa conversa de 19 de agosto de 1806 com Heinrich Luden, recém chegado para lecionar História na Universidade de Jena, Goethe afirma, em meio a longo debate sobre a história:

A história de um povo, a vida do povo? Que ousado! Quão pouco possuí a história, mesmo a mais detalhada, comparada com a vida de um povo? E deste pouco, quão pouco é verdadeiro? E do verdadeiro, alguma coisa fica além de toda dúvida? Não fica antes algo incerto, o maior como o menor? Assim, não parecem firmes como antes as palavras de Fausto: “As épocas do passado / Nos são um livro com sete lacres”? (ibidem: 75-76)

Goethe opõe-se a qualquer reivindicação de cientificidade à historiografia. Esta é sumariamente rejeitada como uma imagem enganadora. Como poderia ser diferente, diria Goethe, quando se pensa que a mesma história se apóia no testemunho humano? Goethe põe em dúvida a essência do relato historiográfico, chegando mesmo a achar cômico o desejo de deixar-se convencer por fatos acontecidos num passado longínquo, pelo simples fato de que mesmo o narrador mais idôneo não poderia prestar testemunho sobre tal tempo. Até porque as pessoas projetariam os seus conceitos e opiniões prévias ao objeto ou à época observada. Para Goethe cada partido, religião ou povo tem a sua própria idéia de história.

Do ponto de vista da investigação da hipótese de uma contribuição concreta de Goethe à história *apesar do ceticismo historiográfico do poeta*, hipótese que defendo, a primeiríssima coisa a ser feita é recusar, até certo ponto, a opinião do próprio autor. Temos razões e indícios de sobra que nos autorizam a fazê-lo. Pois é notável em Goethe a aparente dissonância entre este seu ceticismo e o extraordinário teor historiográfico de algumas de suas obras mais célebres.

Para tentarmos decifrar a concepção de historiografia em Goethe com base na sua produção concreta, e não apenas no julgamento que o autor fazia de si mesmo, é preciso investigar a sua concepção de *sujeito* na história, e aqui torna-se necessária a abordagem do conceito de “demoníaco” (*dämonisch*). Este conceito introduz a idéia de que a vida social não se faz inteiramente apreensível para quem quer que queira concebê-la – e portanto narrá-la – na condição de indivíduo isolado ou mônada social. Inspirado em Kant, o demoníaco em

Goethe expressa a impossibilidade de uma história determinada pela pura teleologia. Do ponto de vista da historiografia, o conceito busca permanentemente a antítese de um fenômeno, de uma idéia ou conceito no exato momento em que este é pronunciado, é afirmado ou tenta se impor. Neste caso específico, o “demoníaco” pode ser visto como um conceito que procura interceder, enquanto elemento “negativo” e na condição de agente desestabilizador, exatamente no momento em que uma narrativa qualquer proveniente da esfera de uma lógica mono-subjetiva ou mono-interpretativa tende a estabelecer o primado da (sua) verdade. O imprevisível, aquilo que arrasta as circunstâncias subitamente para cima ou para baixo, somente pode ocorrer no texto como aparente absurdo narrativo. O demoníaco é, assim, a consequência narrativa do fato dialético de que o “eu” somente pode narrar como sujeito na medida em que deixa de ser apenas um “eu” e passa a encarnar todo um conjunto de outros “eus”. O “eu” passa a ser também e simultaneamente os “outros”.

Uma análise que faça justiça à atitude fundamental de Goethe com relação à historiografia deveria, inicialmente, reconhecer o fato de que o poeta assimilou à sua obra muito do pensamento lingüístico de sua época, o que, nas condições historicamente limitadas em que se encontrava (cf. a segunda parte de BAKHTIN, 1999), o aproximou do pensamento historiográfico mais avançado de então.

Se lançarmos uma breve mirada na obra de Goethe, percebemos claramente o paradoxo entre o ceticismo do autor e o grau de realismo de sua práxis literária. Sua obra é, quase sem exceção, atravessada por um espírito não raras vezes autenticamente historiográfico. Por uma simples questão de espaço não podemos sequer citar ligeiramente algumas destas obras. Fique apenas registrado o caráter profundamente histórico de sua primeira grande obra, o drama *Götz von Berlichingen* (1773) e nela a influência exercida por Herder na maneira como o autor retrata o declínio da ordem cavaleiresca, a ascensão dos príncipes e a introdução do direito romano na Alemanha.

Erich Trunz observa no posfácio a *Poesia e Verdade* como décadas mais tarde o velho Goethe passou a sentir-se um ser “histórico”, sentimento que iria se aprofundar até a sua morte (TRUNZ, 1988, 9: 612). Em uma carta poucos meses antes de sua morte, em 01 de dezembro de 1831, escreve a Wilhelm von Humboldt: “Admito com prazer que, em minha alta idade tudo se me torna mais e mais histórico; se algo acontece no passado, em reinos distantes, ou neste momento bem perto de mim, dá no mesmo, eu pareço a mim mesmo cada vez mais histórico” (GOETHE, 1988: 534).

Esta é uma maneira historicista de se ver o mundo e a si mesmo, e nos explica as suas motivações de levar adiante, a partir de 1809, o seu “projeto autobiográfico”. Este projeto

partiu evidentemente de determinações de diversas ordens; eu gostaria apenas de destacar algumas que fizeram com que o conjunto destes escritos autobiográficos se tornassem uma extraordinária história cultural de sua época.

Uma das motivações elementares de Goethe foi a preocupação em não confiar aos biógrafos uma tarefa tão relevante. Pois, para o poeta, uma verdadeira biografia era algo muito mais que o simples alinhamento de informações biográficas mais ou menos relevantes. Em conversa com Eckermann de 21 de dezembro de 1831, Goethe perguntava-se sobre a utilidade dos fatos biográficos: “Se não se tivesse nada da vida além do que nosso biógrafos e redatores de enciclopédia dizem de nós, então isso seria um mau métier e em toda a parte não valeria o esforço” (ib.: 171).

O que seria isso que vai além dos fatos, que os redatores poderiam perfeitamente relacionar como tantas vezes o fizeram no período? Além da perda de amigos e colaboradores essenciais como Herder (1803) e Schiller (1805), e de uma grave doença que o acometera em 1801 (meningite?) quase o levando ao óbito, sua iniciativa foi sem dúvida determinada pelas rápidas e intensas transformações sociais e literárias de seu tempo. Em uma revisão de 1805, Goethe escreve a propósito de uma coletânea de autobiografias surgida em Iena naquele ano:

[...] o nosso tempo é tão rico em fatos, tão decidido em aspirações particulares que a juventude e a idade intermediária, para os quais se escreve, quase não tem idéia do que propriamente aconteceu há trinta ou quarenta anos. Tudo o que numa vida humana se escreve de lá pra cá ou se evoca tem que ser feito de novo (apud TRUNZ, 9: 605).

Isto foi escrito antes da invasão napoleônica em Iena em 1806, mas já em pleno andamento da revolução industrial inglesa, das revoluções americana e francesa, depois da *Crítica da Razão Pura de Kant* (1781), da *Doutrina das Ciências* de Fichte (1794) do romantismo.

A autobiografia de Goethe distribui-se por diversos livros e diários, se nela não incluirmos a vasta correspondência e as conversas, das quais a mais famosa foi redigida por Eckermann. Assim, temos: *Poesia e Verdade*, cobrindo o tempo entre 1749-1775; *Viagem à Itália*, entre 1786 e 1788; *Campanha na França e Ocupação de Mainz*, entre 1775 -1793; e os *Anais*, cobrindo o tempo entre 1794 e 1822.

O texto que nos serve aqui de referência principal é a obra *Poesia e Verdade*. Diferentemente da *Viagem à Itália* e da *Campanha na França* (cuja seqüência é *Ocupação de Mainz*), que representam a elaboração literária de anotações de juventude, *Poesia e Verdade* é

um texto da velhice, com olhar retrospectivo. Como já dissemos, não se trata de uma literatura de memória, horizontalizada, característica do século XVIII, mas uma obra onde os fatos biográficos se concatenam de maneira extremamente sólida com o todo.

Não me parece satisfatória a visão dos críticos que reconhecem, em *Poesia e Verdade*, os dados biográficos como “verdade”, enquanto concebem a sua concatenação no todo como um encargo da “poesia”, tal como encontramos expressa, por exemplo, na bem-cuidada edição hamburguesa de Erich Trunz (citada na presente bibliografia). Creio que estaríamos de certa maneira reduzindo o poético à forma, seccionando-o da matéria, o que a meu ver contraria frontalmente a concepção do autor, várias vezes exposta na obra, para quem o signo destituído de sua referência é nada.

As autobiografias tais com as conhecemos hoje são um produto de uma época pós-goetheana. Goethe foi um pioneiro, ao qual se seguiram diversas outras com características mais ou menos parecidas, mas sem o alcance conseguido pelo nosso autor. O que a distinguia fundamentalmente de todas as autobiografias de seu tempo?

Herder havia desenvolvido uma doutrina lingüística profundamente marcada pelo diacronismo, segundo a qual toda obra somente poderia surgir no seu lugar e no seu tempo, e somente poderia ser entendida neste contexto (cf. HERDER, 1987). Isto era inteiramente novo em sua época, se levarmos em conta que a crítica julgava os escritores e as obras literárias perfilando-as pura e simplesmente, sem que se levassem em consideração as diferenças de lugar e de tempo em que estas personalidades surgiram e em que estas obras foram escritas. Homero, Virgílio, Ariosto ou Klopstock eram considerados nesta perspectiva apenas como poetas épicos, sem consideração pelas suas culturas historicamente específicas.

Seguindo esta concepção básica de Herder, Goethe discorre sobre inúmeras personalidades tanto do mundo da história quanto da cultura de seu tempo, a partir de seus *topoi* específicos na sociedade, mas unindo-os todos numa unidade viva e orgânica. Para o autor, o fluxo histórico reúne e atualiza permanentemente elementos do passado e do presente. Como uma questão existencial, Goethe não compreende a si próprio senão alguém formado pelo passado que desfila ao longo da narrativa, que por seu turno só podem compor a narrativa precisamente porque são reconhecidamente atualizados como parte integrante indispensável desta formação individual. Em sua velhice, Goethe sente como tudo aquilo que lhe foi propiciado em juventude faz parte de seu presente histórico.

Assim, Goethe procede a uma espécie de perenização do passado. Mais do que isso, propõe uma reflexão distanciada de si mesmo, de seus erros e acertos, para os quais concorrem circunstâncias necessárias e contingentes, estabelecendo uma dialética pessoal do

sujeito permanentemente confrontado com a liberdade e a necessidade, que eleva a si próprio com uma espécie de arquétipo humano, uma individualidade supra-individual, genericamente humana. O esforço para tal é permanente. O jovem enfrenta um mundo eternamente bem-disposto, e mesmo em circunstâncias extremamente dolorosas extrai daí um ensinamento, que irá compor a sua formação futura. Isto evidencia-se quando lemos uma carta de Goethe a Zelter de 05 de outubro de 1830, quando define a si mesmo naquela época como “um estudantezinho infeliz” (GOETHE, 1998, p. 558), coisa que jamais faria na autobiografia.

Dizíamos que *Poesia e Verdade* – como de resto todos os seus relatos autobiográficos – representam uma extraordinária história cultural de seu tempo. É verdade. Nesta obra são evocadas circunstâncias históricas absolutamente fundamentais em seu tempo: a Guerra dos Sete Anos, a coroação de José II, a situação do Poder Judiciário alemão descrito pormenorizadamente (e claramente acoplado à problemática da época do cavaleiro Götz von Berlichingen, decisiva para o destino político do Sagrado Império Romano-Germânico). Na obra desfilam personagens históricos não apenas como pano de fundo, mas determinantes à biografia do jovem, como Frederico II, Voltaire, José II, Hamann; uma constelações de astros de primeira grandeza no mundo cultural alemão, com a qual o autor teve contato direto, e emite no livro opiniões as mais objetivas possíveis, freqüentemente cedendo a fala a estas pessoas, deixando-as “manifestarem-se livremente”: Gottsched, Gellert, Klopstock, Herder, Lenz, Klinger, Stolberg, Lavater, Merck, Schlosser e outros. O protagonista, se é que há um, passeia por distintas confissões religiosas, ele próprio vê-se ora atraído, ora enjeitado pelo cristianismo, promove reflexões filosóficas permanentes, confrontando-as com os ditames das religiões positivas e com os seus ministros. Por outro lado, transita por variados cenários artísticos e científicos na Alemanha, compondo um painel absolutamente representativo da vida alemã nestas duas esferas.

Goethe retrata o seu vasto painel humano através de pinturas essencialmente humanas. Para ele, o centro não está no fato histórico, mas no indivíduo histórico. A chave para a compreensão de tal procedimento encontra-se nos seus ensaios sobre a história das ciências, onde Goethe parece esquecer-se completamente de seu ceticismo historiográfico, fato a que fizemos alusão mais atrás. Em seus “Materiais para a história da doutrina das cores” (GOETHE, 1988, 14: 7-272) Goethe vê-se impelido a colocar o homem da ciência no ponto central da questão. Assim como o artista representa o núcleo das questões estéticas, também o cientista coloca-se ali como o ponto em torno do qual se dão os embates e os desenvolvimentos científicos.

Tal é a metodologia peculiar de Goethe, a chave para a compreensão de seu projeto autobiográfico, particularmente de *Poesia e Verdade*. O fio condutor é o jovem protagonista, que encontra cada vez mais pessoas e vai tecendo paulatinamente uma ampla rede de aprendizados e de transformações recíprocas. Transitando por esferas tão representativas do mundo social, religioso, cultural, científico e político em diversas cidades do Império, este jovem dá ensejo à composição de um tecido complexo que configura a vida social alemã em sua totalidade simbólica. Desde o princípio é exatamente esta a sua intenção: compor um painel de ampla envergadura, dotado de uma unidade orgânica e dinâmica. Neste painel, o jovem quase que somente recebe as influências, os ensinamentos, as lições aprendidas, apresentando-se como um ativo espectador que, por meio de sua energia vital e seu esforço por aprender, põe-se em condições extremamente favoráveis à tal percepção do mundo.

O que importa aqui é menos o grau de artificialidade, ou de improbabilidade de tal vivência, mas a atitude dialógica a que se propõe o jovem, expressa cuidadosamente na polifonia em que consiste a autobiografia. Nela, a voz do sujeito não se impõe ao mundo, mas, ao contrário, coloca-se física e ideologicamente, ou como diria o próprio Goethe, abre um órgão interior para cada novidade, para cada fenômeno.

Tal como Herder, que olhava menos para os estados, as guerras e dominadores do que para esta humanidade como um todo, também Goethe não se sentia atraído pelos elementos singulares da história política e das injunções da luta pelo poder, tomados como um fim em si mesmo. Goethe propunha-se, em termos narrativos, não somente a conservar esta polifonia, observada em suas infinitas determinações históricas concretas, descrevendo tanto quanto possível esta multiplicidade empírica da história, mas tinha como objetivo fundamental elevá-la a um patamar superior. Era necessário imprimir nessa empiria uma “vida superior”. Para tanto, não poderia ater-se somente à afirmação deste mundo, ao seu enunciado, mas elevá-lo simbolicamente como forma. Tal só poderia ser missão da arte, da poesia.

Assim, o título de sua incomparável biografia explica-se em sua inteireza. Não há poesia sem verdade, não há verdade sem poesia. Graças a este método, Goethe atinge – em um grau talvez mais profundo do que o faria um historiador – regiões morais ou psicológicas inacessíveis ao relato que não conhece os expedientes estéticos de que Goethe lança mão. Com base nesta constatação, pode-se entender a obra autobiográfica de Goethe como uma rica fonte historiográfica de seu tempo, para já não somente falarmos de sua deslumbrante beleza formal e de sua inigualável posição entre as melhores narrativas do gênero.

Bibliografia citada

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1999

BOERNER, P. **Goethe**. In *Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1964

BORCHMEYER, Dieter. **Goethe**. *Der Zeitbürger*. München: Carl Hanser Verlag, 1999

CASSIRER, Ernst. **Goethe und die Geschichtliche Welt**. Leipzig: 1932

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Briefe – Tagebücher – Gespräche**. Cd-Rom. Berlin: Directmedia Publishing GmbH, 1998, p. 29-95

_____. **Werke**: Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988, 14 vol.

HERDER, Johann Gottfried. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Lisboa: Antígona, 1987

TRUNZ, Erich, Nachwort. In: GOETHE, J. W, von. **Werke**. Hamburger Ausgabe. München: DTV, 1988, v. 9, p. 631-639